



***“Abertura e enraizamento”:* pelos caminhos do pensamento complexo de
EDGAR MORIN**

“Opening and rooting”: along the paths of thought complexo of Edgar Morin

LEITURAS E RESENHAS

*Luan Gomes dos Santos de Oliveira*¹, *Aldeone Pereira Silva*², *Fernanda Fernandes Barbosa*³ e *Agílio Tomaz Marques*⁴

*Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais; caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar.
(Antonio Machado, Poeta espanhol)*

RESUMO: Este texto é resultado de uma palestra, parte de uma mesa redonda, que tinha como tema central os estudos e pesquisas transdisciplinares. Esse ensaio procurou discutir a contribuição do pensamento do filósofo francês Edgar Morin para o fenômeno da Educação. Um Educação que vai além do imediatismo que perpassa a vida contemporâneo nos marcos do capitalismo contemporâneo.

Palavras-Chave: Pensamento Complexo, Edgar Morin, Educação.

ABSTRACT: This text is the result of a lecture, part of a round table, which had transdisciplinary studies and research as its central theme. This essay sought to discuss the contribution of the thought of the French philosopher Edgar Morin to the phenomenon of Education. An Education that goes beyond the immediacy that permeates contemporary life in the framework of contemporary capitalism

Keywords: Complex Thinking, Edgar Morin, Education

¹Sociólogo-Antropólogo, Assistente Social, D. Sc. em Desenvolvimento e Meio Ambiente e D. Sc. em Educação pela UFRN, . CCJS/UFCG – Campus de Sousa – PB. Email: luangomessantos@terra.com.br

²Prof. da FAFIC - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais pela PPGSA/UFCG/CCTA – Pombal. Graduado em Filosofia e Teologia e Direito – E-mail aldeonesocial2026@gmail.com

³Prof. da FAFIC - Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Cajazeiras, M. Sc. em Sistemas Agroindustriais pela PPGSA/UFCG/CCTA – Pombal - PB. Graduada em Serviço Social e Direito – E-mail: nandafernandesrn@hotmail.com

⁴Bacharel em Direito TJ/PB. E-mail: agiliotomaz@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Minhas primeiras palavras são de gratidão à Comissão Organizadora do VIII Encontro Nacional de Psicologia e Comunhão e em especial ao amigo Rodrigo Meireles com quem compartilho a mesa redonda: *Empatia e Diálogo na Cultura e entre os Saberes*, pelo convite de expor o meu encontro com um itinerário do pensamento de Edgar Morin e a sua relação com a pluralidade dos saberes. Espero contribuir com a promoção do diálogo entre os saberes e o alargamento da cultura transdisciplinar tão pertinente a este encontro.

Senti que eu poderia iniciar este momento com a poesia do Antonio Machado, poeta espanhol, com a máxima: “O caminho se faz ao caminhar”. Este verso representa bem o pensador Edgar Morin, expoente do Pensamento Complexo, que se configura em uma nova aposta no humanismo, o qual transcende o antropocentrismo, que vê o homem no centro de tudo. Ele se lança a re-ligar o homem e o conhecimento, a vida e as ideias, a razão e a emoção, a objetividade e a subjetividade, a poesia e a prosa, a dor e o amor. Um apaixonado pelo diálogo entre as diversas culturas e saberes, e defensor contundente da Reforma do Pensamento e da Educação, um humanista convicto, para os íntimos de suas obras um “contradista de saberes”, sua pessoa não cabe nos rótulos dos espaços acadêmicos e nos pedestais teóricos. Mas de fato, quem é Edgar Morin? O que ele pode nos oferecer?

EDGAR MORIN: UM AMIGO “CONTRABANDISTA DE SABERES”

Edgar Morin, é um pensador francês, com 94 anos de idade, reside em Paris. Quando questionado de sua nacionalidade teme em responder com exatidão, já que suas raízes paternas são judaicas, turcas, espanhola. Sem a certeza de uma origem unitária, Morin traz em sua trajetória o desejo pelo diálogo e se põe em uma atitude transdisciplinar diante da vida e das ideias.

Uma das questões fundamentais que atravessa e alicerça a obra de Edgar Morin é: Quem somos nós? Para onde vamos?

Tais questionamentos estão na base da ciência nova ou ciência da complexidade que o Morin vem tecendo ao longo de sua vida. Toca diretamente no ensino da condição humana como um dos caminhos para repensar a maneira como nos relacionamos uns com os outros e com os conhecimentos produzidos na academia e além dela. Vale salientar que estas interrogações fazem parte do cotidiano das diversas culturas e povos. A condição humana é o que temos em comum e nos favorece na construção da cultura de paz e no diálogo

entre os diferentes saberes. Cabe aqui um esclarecimento acerca do que concebo como conhecimento e como saber.

Tomando como aporte teórico a *Maria Lúcia Rodrigues* em sua obra: *O uno e múltiplo nas relações entre as áreas do saber*, uma apaixonada pelo pensamento de Edgar Morin, compreendo que o conhecimento é a apropriação intelectual de um campo de estudo, enquanto que o saber se amplia na perspectiva da inquietude, da aventura, do risco e da criatividade. O saber “compromete-se com um espírito ansioso que procura a oportunidade de sair de si mesmo para inovar.” (RODRIGUES, 2001, pág. 153)

Edgar Morin integra o pensamento – conhecimento – saberes no interior da ordem que se desdobra em formar um pluri-conhecimento, que estejam para além dos muros acadêmicos, que estejam nas ruas e em todas as cidades. É neste ponto que Edgar Morin, se diferencia dos demais pensadores. Sua preocupação não é a defesa de uma teoria, ou de uma concepção de mundo, se volta para integrar, religar, por em ligação saberes separados pelo paradigma cartesiano que domina a Universidade.

Compreendo que Morin é um “contrabandista de saberes”, isso mesmo, sua inquietação pelo diálogo com os diferentes campos de produção do pensamento o levaram a romper e transgredir a educação bancária, reprodutivista, unívoca, que ora despersonaliza as pessoas que criam e se reinventam na antropética da vida. Eu poderia perguntar aqui, como costume fazer nas minhas aulas malucas, das quais me inspiro na obra deste humanista:

Quantos de nós educadores e educandos nos permitimos errar? Quantos de nós teme pensar diferente? Quantos de nós teme a abertura ao diálogo com o outro? Quantos de nós somos nós mesmos diante do outro?

Por meio destas questões Edgar Morin construiu a sua busca pela Verdade, não uma verdade absoluta, nem mesmo relativa, descomprometida com o Logos, com o sentido de sua vida. Porém, ao se lançar nesta busca, ele se encontra como um caminhante, sempre recomeçando. Para ele, a Educação poderia ensinar a condição humana, o sentido da vida, o diálogo, a compreensão, e o amor, em vez de tornar o ser humano preso em seus intelectualismos e conhecimentos acabados.

Como vocês estão percebendo é quase impossível definir Edgar Morin, rotulá-lo como costumamos fazer em nossas vidas:

- Ele é freudiano, frankliano, marxista, positivista, pós-moderno!

Estes rótulos não conseguem enquadrar Edgar Morin! O mesmo em sua obra: “Meus Demônios” afirma:

||||Experimentava, então, não somente a necessidade de me desfazer dos rótulos que colavam em mim, como também de me distanciar de uma nomenclatura intelectual ou universitária em que me achavam integrado. Nessa época, tinha deixado de ser visto primordialmente como um marginal ou um desviante, ao ponto de ter, para alguns, tomado a aparência de um notável. Na realidade, sentia-me sempre em oposição às ideias e aos costumes dominantes das categorias em que me encerravam (“sociólogo”, “professor”, “intelectual de esquerda”). Por isso, nesse projeto inicial, eu queria antes de tudo afirmar uma fidelidade a mim mesmo e às minhas ideias. (pág. 7)

O que eu poderia dizer mais sobre Morin: ele tem dificuldade de se definir por uma área específica do conhecimento. E quanto a isso, tem encontrado críticas de diversos teóricos da academia que se apoderam das áreas do conhecimento como se fossem propriedades suas. Conforme Conceição Almeida, em Morin, a vida das ideias não está divorciada da vida das experiências. Isto é concreto na fala de muitos educadores. Quem aqui já não escutou:

- Deixe o seu senso comum fora da sala de aula? Não venha com os seus achismos e subjetividades, ou quando escutamos um estudante dizer: professor escrevo com as minhas palavras, ou com as do autor: o que responde o professor: quero que você coloque o que tem no texto.

Tais afirmações são contestadas por Edgar Morin em sua vida e obra: o mesmo vem afirmando que o sujeito na Universidade tem perdido o seu poder de criação e se tornado autor da mais alta e cruel cretinização. Se faz necessário ensinar aos estudantes uma via de autoconhecimento que os torne capazes de se redescobrirem como autores da vida, responsáveis, livres no pensamento, auto éticos, autocríticos, e porque não amorosos e compreensivos.

Como forma de me aventurar a dizer quem é Edgar Morin, trago a sua voz para este texto: “Não sou daqueles que tem uma carreira, mas dos que tem uma vida.” (2001, pág. 09).

Como um ser histórico, ou como define Morin, um “onívoro cultural”, o ser humano pode dar sentido a sua busca pela verdade, pelo Logos, entendendo que todo conhecimento requer um autoconhecimento. Para ser mais claro, tudo que necessitamos conhecer vem de dentro, vem do interior e no exterior contemplamos o mundo vivo das relações. Este contrabandista de saberes, defende com veemência que esta atitude de mergulho no interior faltou a Freud e a Marx, embora os reconheça como pensadores titânicos.

Na busca do autoconhecimento Edgar Morin foi tecendo um caminho, um método, calcado na incerteza, na abertura, no enraizamento e na solidariedade. Como ele se percebeu construindo este caminho de inacabamento?

Eu não mais queria me definir por oposição a outrem, queria me reconhecer em minhas ideias. Senti progressivamente a necessidade de saber como e porque acredito naquilo que acredito, como e porque penso o que penso e, no fim das contas, reexaminar o que eu penso no seu próprio fundamento. (...) um trabalho de introspecção-retrospecção para descoberta dos meus demônios. (MORIN, pág. 08)

A expressão “os meus demônios” para Morin consiste no reconhecimento das contradições que nos habitam, das sombras que assustam o nosso eu. Aqui, Morin inicia o seu processo de aceitação de si e integração de suas sombras e de seus erros para construir o que chama de Ciência da Complexidade, Pensamento Complexo, Método Complexo, ou Estudos da complexidade.

CIÊNCIAS DA COMPLEXIDADE: DA EPISTEMOLOGIA À MARGINÁLIA

A descoberta do pensamento complexo, ou da ciência complexo, ou do método complexo é construída sob a vida do Edgar Morin. Sua inquietação aponta diretamente para a separação entre as culturas científica e humanística. Em meio as interrogações pessoais, este Antropólogo da Esperança se aventura em conhecer se autoconhecendo, como num movimento mútuo de simbioses que só podem ser compreendidas na emergência do *Homo Complexus*.

A Complexidade se tece a partir da necessidade de acolher as multidimensões da realidade, no interior de

um contexto marcado pela incerteza. Como ponto de partida se faz necessário, entender que a raiz da palavra complexidade é o termo “*complexus*” que vem do latim e significa, um tecido – o que é tecido junto, “...de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo. (MORIN, pág. 13).

A vida, aqui, começa a ser compreendida como uma teia, não a supressão e nem sobreposição do indivíduo sobre o coletivo e vice-versa, mas uma relação de retroalimentação. Para Edgar Morin, a base do pensamento contemporâneo é patológica, pois dividiu as cosmovisões sobre a vida do gênero humano na Terra. Para isto, critica o pensamento de René Descartes, expoente do paradigma da simplificação e do Ocidente que separa o sujeito do conhecimento, tornando a ciência impessoal e por vezes massificadora, impedindo o ser humano de se reinventar a partir das poéticas e da diversidade das ideias. Assim, separou-se a ciência do homem, da física e da biologia. O que é perceptível que tal pensamento disjuntor é incapaz de conceber a relação do uno e do múltiplo (unitat multiplex). Conforme Morin (2001, pág 15): “A doença da teoria está no doutrinário e no dogmatismo, que fecham a teoria nela mesma e a enrijecem.”

Daí a necessidade de um pensamento complexo, capaz de re-ligar as culturas humanística e científica. Poderíamos nos questionar: por que estudamos conteúdos e não vemos relação deles com a nossa vida, quem aqui não gostava da matemática por terem-na reduzido a cálculos enfadonhos que segundo as cabeças pensante e produtoras de alta cretinização, é assim mesmo, não tem explicação. Teresa Vergani, estudiosa da etnomatemática nos exorta que há uma palavra indizível nos cálculos ensurdecidos pela cultura científica desumanizante.

Quem aqui não escutou na vida, algum professor ou colega de sala dizendo com um ar de pedantismo: não se envolva com o objeto de estudo, não se coloque no texto em primeira pessoa, você não tem capacidade intelectual de refutar determinados autores como Freud, Marx, Morin! Como se estes autores fossem coisas e não tivessem vivido na sua pele as fragilidades humanas tão necessárias a condição humana.

É isto mesmo, o Pensamento Complexo quer civilizar as ideias, quer propor um conhecimento pertinente, que considera o sujeito e a liberdade de pensar com criatividade e sem o medo de errar, de se tornar um marginal na academia, de se tornar um desviante na ciência. Caros colegas é assim que vivo hoje, construindo um caminho marginal, entre as dores da vida há um conhecimento a surgir. O conhecimento tem uma relação íntima com a minha vida, e que no enfrentamento e acolhimento das incertezas, poderá surgir novos caminhos, por vezes esperado, mas inesperado também.

Edgar Morin mora em Marginalia, a nova cidade dos contrabandistas dos saberes, que assume como identidade a postura Transdisciplinar. E dessa forma, abre mão de sua formação disciplinar, estabelecendo relações com a Teoria da Informação, com a Cibernética, e com Física (entropia – des(ordem)). É em 1970 que Edgar Morin formula os fundamentos da chamada “Ciência Nova” com a publicação do primeiro livro da Coleção “O Método”, a Natureza da Natureza. Aqui Morin, defende que o homem é 100% natureza e 100% cultura, é um onívoro cultural.

Para uma compreensão mais ampliada do pensamento complexo, gostaria de expor o que Morin chama de operadores da complexidade:

O primeiro é o operador dialógico que é diferente da dialética Hegeliana e da Marxista. Este procura entrelaçar o que o paradigma cartesiano separou: emoção e razão, real e imaginário, a ciência e arte. Trata-se de distinguir o que é único-diferente, sem separar e nem opor. As contradições humanas se tornam necessárias a compreensão complexa do real, se tornam complementares entre si, ultrapassando-as em síntese.

O segundo é o operador recursivo que se constitui na possibilidade de a causa agir sobre o efeito e do efeito agir sobre a causa. Um exemplo que posso citar é o fato de discutirmos, se são os indivíduos que produzem a sociedade ou se é esta que produz o indivíduo. Se adotarmos o conceito de adaptação, que nos permite pensar na interação organismo-meio, ou o conceito de socialização que requer uma dupla ação da sociedade sobre o indivíduo e do indivíduo sobre a sociedade. Não há uma linearidade no pensamento, nem no tempo, mas uma circularidade bifurcada que pode desenhar atitudes transdisciplinares. Ao mesmo tempo que o homem se sente criatura, ele se percebe criador.

O terceiro operador, o hologramático, traz a ideia de totalidade, em que a parte está no todo e o todo está na parte. O conhecimento não é mais total, mas uno e múltiplo. Não é como na totalidade marxista, “totalizante”, onde o ser é reduzido ao *homo faber*, o ser é complexo, é *sapiens* e *demens* (demente, louco). Passei anos escutando, o marxismo é o único que dá conta do real. Para Morin, a visão de humano genérico em Marx, o faz dele um pensador titânico, mas faltou a Marx a interioridade humana, o real sentido do viver, de integrar as contradições interiores, os demônios, como chama Morin. É preciso enfrentá-los e saber conviver com os mesmos, e não os matar e nem os eliminar.

O método da complexidade não é uma receita ou uma fórmula que se deve ser aplicada, é um caminho que se desemboca em novos caminhos. É a abertura e o enraizamento, é o eu no outro e outro no eu, dois em um só, mas dois distintos. Assim, trata-se de um caminho inacabado e que requer um diálogo que se esvazie de si,

em que ocorra uma pequena morte espiritual como afirma Chiara Lubich, para acolher o outro, na sua inteireza, nas suas dúvidas e fragilidades. E aí há um novo nascimento, metamorfose, aberturas de casulos no alvorecer das noites escuras e incompreensíveis.

Há um novo caminho que se desponha aqui, o diálogo como encontro, como abertura, como amizade, como compreensão do incompreendido, uma verdadeira transcendência. Isto influenciará diretamente no que Morin chama de Reforma do Pensamento e Reforma da Educação, uma aspiração também do Instituto Sophia, nas palavras de Piero Coda.

O DIÁLOGO E A ÉTICA DA COMPREENSÃO: CAMINHOS ABERTOS PARA A INTERIORIZAÇÃO DA TOLERÂNCIA

Para Morin, a epistemologia da complexidade é uma ciência presente nas ruas, sim! Para ele não é um conhecimento privilegiado de especialistas e nem acadêmicos, mas de todos que aspiram um mundo melhor. O pensamento complexo de Edgar Morin aposta no diálogo entre as diferentes culturas e saberes, e para trilhar este caminho de diálogos plurais, o mesmo defende como caminhos possíveis a ética da compreensão e a interiorização da tolerância.

O mundo dos saberes também foi colonizado pela ciência endogâmica, que nega a diversidade dos saberes dos povos e culturas milenares. Quem aqui não já escutou um professor universitário dizendo: não venha com os seus achismos. Aqui é lugar de ciência! E observamos que o mesmo não tem certeza nem do que diz, deixou-se dominar por paradigmas que o controlam ocultamente. Não se abre a incerteza, ao inacabamento do ser, quer a verdade pronta e acabada. Esqueceu-se de fazer a experiência com o conhecimento dinâmico, vivencial. Para Morin, a ciência que temos é filha do ocidente, marcada pelas divisões e disputas em torno das explicações. E para combater esta visão unívoca, o Edgar Morin abraça o diferente, ideias antagônicas, porém complementares. Acolhe o outro para aprender com ele. Isto requer o ensino da ética da compreensão frente a consciência da complexidade humana. Somos diferentes e iguais.

A ética da compreensão é muito mais do que um conceito que se encerra numa definição, ou numa determinação. É um modo de ser na vida. É a arte de viver que nos chama a compreender o outro de modo desinteressado, sem esperar nenhuma reciprocidade, segundo Morin (2011). E ainda convoca a compreender o incompreensível. Tenho pensado isto durante a minha vida, a necessidade de ser compreendido a qualquer custo me levava a agitações interiores e a querer aceitação do

outro, como substrato desse desejo estava o egocentrismo, tão ensinado pelas academias. Exigiu-se de mim uma reforma em minha mentalidade, perder a minha verdade e encontrá-la no outro, aí encontrei a razão de ser educador e aprendiz. As angústias e dores neste processo de compreensão são essenciais para o nascimento de um ser maduro e disposto a recomeçar sempre, porque se depara com um caminho inacabado. Para Morin (2011, pág. 87):

A compreensão não desculpa nem acusa: pede que se evite a condenação peremptória, irremediável, como se nós mesmos nunca tivéssemos conhecido a fraqueza, nem cometido erros. Se soubermos compreender antes de condenar, estaremos no caminho das relações humanas.

O que pode favorecer a compreensão do outro? O “bem pensar” e daí vem a necessidade de se esvaziar de si para dialogar com o outro, demonstrando empatia, serenidade no olhar. A introspecção com o autoexame – para compreender as nossas fraquezas e as do outro. Ser autocrítico com o nosso egocentrismo.

A ética da compreensão vai se transpondo em bifurcação com a interiorização da tolerância. A necessidade da mesma se dá porque na maioria das vezes fingimos ser tolerantes, temos a tendência de estar aberto a pessoas privilegiadas e nos fechamos na maioria das vezes para as demais. Para Morin (2011, pág. 89): “A tolerância supõe sofrimento, ao suportar a expressão de ideias negativas ou, segundo nossa opinião, nefastas e a vontade de assumir o sofrimento”. O que seria bem semelhante para Chiara Lubich que acertadamente se arrisca: o diálogo não é imposição da verdade, mas encontro, esvaziamento, uma oportunidade para morrer pelo outro, no sentido espiritual. Vejo isso como algo necessário nos dias sombrios de hoje. Há tantos currículos lattes latindo e muitas pessoas adoecendo por investirem na indiferença ao novo, a incerteza. O que requer relativização de si, sem cair na desesperança. A verdade é uma busca constante.

Sabendo disso há quatro graus de tolerância a interiorizar. O primeiro trata-se em estar aberto a escutar algo irrelevante, o que requer paciência, e estaremos exercitando a escuta, sem necessariamente termos que concordar com algo que pareça incoerente. O segundo grau se destina a abraçar a opção democrática que se nutre de opiniões diversas e antagônicas. Não preciso dominar e nem vencer ninguém, estamos buscando saber. O terceiro grau se volta a estar atento a verdade da ideia antagônica, e aqui nasce o respeito, a admiração pelo diferente. E o quarto grau, a tolerância abraça as ideias, não os insultos,

nem agressões explícitas, não se silencie diante de tais ocorrências.

A ética da compreensão e a interiorização da tolerância requerem de nós a reforma de nosso pensamento, este tão acostumado a uma verdade pronta, acabada, colonial. Não é fácil provar do esvaziar-se de si, mas quem experimenta pode provar o nascimento da ética do encontro, o sair de si nos renova. Há de surgir uma nova educação, como propõe Maria Lúcia Rodrigues:

Desafiador é enfrentar os problemas de nosso tempo sem angústia imobilizadora, conviver com a diferenças, com a insegurança e o incerto, buscando nas relações humanas e cotidianas o constante reaprendizado da missão formativa. Desafiador é ainda aprender a respeitar os limites e o que se opõe ao nosso modo de ser, como requisito pendular à maturação afetiva. (RODRIGUES, pág. 131)

Emerge a questão fundamental deste texto, quem educará os educadores neste século XXI? Há uma urgência na Reforma Educacional? Como educar para assumir os erros, ser tolerante, amigo, compassivo? Sem dúvidas o pensamento complexo pode nos ajudar muito a enfrentar as barbáries do conhecimento na contemporaneidade.

PALAVRAS ABERTAS E DIÁLOGOS INCONCLUSOS

Sempre costumo finalizar as minhas aulas, os meus textos, com uma pergunta. O que ficou destas palavras? Reconheço que toda iniciativa de diálogo é transgressora, e o que fica é o desejo de recomeçar. Acredito que neste ensaio deixei muita coisa de falar acerca do Edgar Morin, mas não me preocupo com isso, tenho consciência de minha complexidade humana. E se os ouvidos sensíveis de cada um aqui me acolheram, saio

transformado, metamorfoseado, por cada olhar, por cada sobrancelha levantada, por cada abrir de boca, por cada sorriso. Sejamos caminhantes, não desistamos de ser nós mesmos. Use o seu medo do diferente para se abrir e enraizar-se, após as estações, frutos virão, mas não espere colher, segue, leva a chama do fogo do conhecimento aos outros, se assim queres dialogar. Como expressão viva deste encontro, deixo uma poesia de Florbela Espanca, poetisa portuguesa, indomável em seus sonhos poéticos:

"Há uma primavera em cada vida: é preciso cantá-la assim florida, pois se Deus nos deu voz, foi para cantar! E se um dia hei-de ser pó, cinza e nada que seja a minha noite uma alvorada, que me saiba perder...para me encontrar..." (Florbela Espanca)

Grato pela atenção de tod@s!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição. **Um Itinerário do Pensamento de Edgar Morin**. Cadernos IHU Ideias. Ano 2 – nº 18 – 2004. Unisinos.
- CARVALHO, Edgar Assis. ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Cultura e Pensamento Complexo**. Natal/RN: EDUFRN, 2009.
- ESPANCA, Florbela. **Antologia Poética**. Martin Claret. (s/d).
- LELOUP, Jean – Yves. **O absurdo e a Graça**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo**. 3 ed. Tradução de Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulinas, 2007.
- _____. **Os sete saberes necessários a educação do futuro**. 2 ed. Tradução de Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. **Meus Demônios**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- RODRIGUES, Maria Lúcia. **Caminhos da Transdisciplinaridade: fugindo as injunções lineares**. Revista Serviço Social e Sociedade, nº 64, ano xxi, São Paulo: Cortez, 2000, págs 124-134.